

## Amigos para sempre?

*Xi não quer a derrota de Putin nem a vitória da Rússia. Quer, acima de tudo, ser o líder da ordem mundial alternativa. Precisa de aparecer como estadista capaz de gerir uma crise internacional.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 22 de Março de 2023**

Pequim visita Moscovo, a pensar em Washington. Desde os primórdios da Guerra Fria, o triângulo estratégico EUA-Rússia-China esteve sempre no centro das relações internacionais. Na década de 50, a aproximação entre Estaline e Mao Tsé-Tung estendeu a contenção do comunismo ao continente asiático e conduziu os EUA a combater na Coreia e no Vietname. Na década de 60, pelo contrário, o cisma entre Mao e Khrushchev e o conflito sino-soviético abriram caminho à histórica viagem de Nixon a Pequim, em 1972, e à aproximação da China aos EUA.

O pós-Guerra Fria e, em particular, a chegada ao poder de Putin e Xi Jinping marcam uma nova era de reaproximação nas relações Rússia-China. Na visita de Putin a Pequim, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Inverno, e imediatamente antes da invasão da Ucrânia, os dois declararam, aliás, “uma amizade sem limites”. Quem sabe se para sempre. Que, de resto, esta visita de Xi a Moscovo vem selar.

Mas será mesmo sem limites? O contexto é muito diferente. É que se antes, no quadro da rivalidade EUA-China, era a China que precisava da Rússia, depois da Ucrânia os papéis inverteram-se e é a Rússia que precisa da China. Num ano de guerra, “a amizade sem limites” com a Rússia tem prejudicado os interesses da China: uniu o Ocidente e reforçou a NATO, dificultou as relações económicas e políticas com a UE, enfraqueceu a procura nos mercados de exportação e, mais do que isso, potenciou o rearmamento do Japão e o apoio dos EUA a Taiwan.

Então, porque mantém Xi a amizade com Putin? Porque tem uma prioridade maior e interesses partilhados com a Rússia que valem o custo da amizade.

Partilham, em primeiro lugar, uma extensa fronteira de mais de 4000 quilómetros que foi historicamente objecto de disputas fronteiriças, a última das quais em 1969, entre os exércitos chinês e soviético, que chegou mesmo à ameaça de escalada nuclear e só em 2008 foi, definitivamente, demarcada. A sua estabilidade é, hoje, essencial para a China se poder concentrar no Mar do Sul da China e na hegemonia naval no Pacífico.

Têm, em segundo lugar, um fortíssimo interesse comercial, que cresceu, exponencialmente, no último ano de guerra, devido às sanções do Ocidente à Rússia. A China substituiu a Europa e os EUA nas suas relações económicas e representa, hoje, 30% das exportações e 40% das importações da Rússia, com particular incidência no sector energético. Com vantagem evidente para Pequim, não só porque reforça a dependência económica da Rússia em relação à China, mas também porque, com aquela impedida de usar o dólar ou o euro, acelera a *yuanização* do sistema financeiro russo.

Em terceiro lugar, porque, para o extraordinário investimento na defesa (7,2% do PIB) e a modernização acelerada do seu sector militar, a China precisa de sistemas de armas provenientes da Rússia, que, de acordo com o *Peace Research Institute* de Estocolmo, forneceu, entre 2016 e 2021, 81% do armamento importado pela China.

Mas Putin e Xi Jinping partilham, sobretudo, um enorme ressentimento: contra os EUA e a hegemonia americana, contra a democracia e a ordem internacional multilateral. São líderes de duas grandes potências autoritárias, que querem rever a ordem internacional e instaurar um novo modelo de relações internacionais, pós-americano e pós-democrático. Mas com uma diferença fundamental: a China é uma potência em ascensão; a Rússia, uma potência em declínio. E é por isso que, nesta quase aliança, Putin é o parceiro menor e é Xi Jinping quem assume a liderança.

Chegado a este ponto, a sua posição perante a guerra na Ucrânia é crucial. Xi quer, em primeiro lugar, manter Putin no poder e por isso não pode permitir uma derrota humilhante da Rússia. Quer, em segundo lugar, manter a Rússia como parceiro menor da aliança e, por isso, não lhe interessa uma vitória gloriosa de Putin. Não quer a derrota de Putin nem a vitória da Rússia. Quer, acima de tudo, ser o líder da ordem mundial alternativa. Mas, para isso, precisa de aparecer como estadista capaz de gerir uma crise internacional, como mediador neutral.

É certo que teve sucesso no Médio Oriente. Mas neutralidade não é ambiguidade e a ambiguidade estratégica tem limites. E a guerra entre a Rússia e a Ucrânia não é a tensão entre o Irão e a Arábia Saudita.

Em 1972, Nixon jogou a cartada chinesa contra a União Soviética, Xi tenta a cartada russa contra os EUA. Não sei se terá a mesma sorte.

<https://www.publico.pt/2023/03/22/opiniao/opiniao/amigos-2043301>